

O último a sair do breu, acende a luz. Subjetividades das batalhas do rap

The last one to come out of the dark, turn on the light. Subjectivities of rap battles

El último en salir de la penumbra, que encienda la luz. Subjetividades de las batallas del rap

 **Adriana Garritano Dourado**

Doutoranda do programa de pós-graduação de doutorado em psicologia da saúde da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil.

E-mail: agdourado76@gmail.com

 **Anita Guazzelli Bernardes**

Doutora e professora do programa de pós-graduação de doutorado em psicologia da saúde da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil.

E-mail: anitabernardes1909@gmail.com

RESUMO

Este artigo problematiza a relação de uma certa juventude com a cidade, em uma região predominantemente agroindustrial. A juventude, neste texto, ocupa um espaço bifurcado: é, ao mesmo tempo, aquilo que olhamos, como também aquilo que nos auxilia a olhar. Como fio condutor, tem-se a letra da música “Quadro-negro”, de Lenine, que nos conduziu à contextualização de que, ao apagar as luzes de uma cidade, não são enxergadas vidas em vulnerabilidade, a citar abandono, exploração sexual, vivência de rua e criminalidade. Em um paradoxo com o que aparece no escuro, este artigo é fruto da produção de uma pesquisa de doutorado em psicologia, que tem como objetivo geral problematizar a expressividade da juventude junto ao movimento das batalhas de rima do rap nos espaços noturnos de uma cidade, reinventando territórios existenciais, localizando também o município como analisador do território.

Palavras-chave: Decolonialidade; Rap; Resistência; Submetodologia; Ocupação urbana.

ABSTRACT

This article focuses on the relationship between a certain youth and the city, in a predominantly agro-industrial region. In this text, youth occupies a bifurcated space: it is both what we look at and what helps us to look. The guiding thread is the lyrics of “Quadro-negro”, Lenine's song, which led us to the contextualization that when the lights are turned off in a city, vulnerable lives are not seen, such as victims of abandonment, sexual exploitation, homelessness and crime. In a paradox of what appears in the dark, this article is the result of a doctoral research in psychology, which has the general objective of problematizing the expressiveness of youth in the rap battle movement, in the night spaces of the city, reinventing existential territories, also locating the municipality as an analyzer of the territory.

Keywords: Decoloniality; Rap; Resistance; Submethodology; Urban occupation.

RESUMEN

Se plantea la relación de determinada juventud con la ciudad, en una región predominantemente agroindustrial. La juventud, en este texto, ocupa un espacio bifurcado: es lo que vemos, así como lo que nos ayuda a ver. El hilo conductor es la letra de una canción de Lenine, “Quadro-negro”, que nos condujo a contextualizar que al apagar las luces de una ciudad, no se ven las vidas vulnerables: abandono, explotación sexual, sin techo y criminalidad. En una paradoja de lo que aparece en la penumbra, este artículo es fruto de la producción de una investigación de doctorado en Psicología, que trata de plantear la expresividad de la juventud en las batallas de rima raperas de los espacios nocturnos de la ciudad, reinventando territorios existenciales, y localizando también al municipio como analizador del territorio.

Palabras clave: Decolonialidad; Rap; Resistencia; Submetodología; Ocupación urbana.

Introdução

Este artigo tem como temática a relação de uma certa juventude, em uma região predominantemente agroindustrial, com a cidade. A juventude, neste texto, ocupa um espaço bifurcado: é, ao mesmo tempo, aquilo que olhamos, como também aquilo que nos auxilia a olhar. Quem se habilita a acender a luz e a pagar a conta do que não se quer enxergar? Ao acender, vê-se o caos e, ao mesmo tempo, o luxo da produção do *underground*, das políticas das rabeiras na noite, em espaços urbanos da cidade.

Embora a letra da música “Quadro-negro”, de Lenine, não seja do rap, estando o cantor, compositor e arranjador da música popular brasileira aproximado com múltiplas influências de vários gêneros musicais, o músico traz uma letra, que faz uma contextualização de que, ao apagar as luzes de uma cidade, não são enxergadas vidas em vulnerabilidade, a citar abandono, possível exploração sexual, vivência de rua e criminalidade. Em um paradoxo com o que aparece no escuro, este artigo é fruto da produção de uma pesquisa de doutorado em psicologia que tem como objetivo geral problematizar a expressividade da juventude junto ao movimento das batalhas de rima do rap, nos espaços noturnos da cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul, Brasil, reinventando territórios existenciais.

É no apagar das luzes, na linguagem marginal do som do rap nas batalhas de rima, que aparece um urbano sucateado das praças da cidade, de espaços públicos abandonados e precarizados. O campo social da pesquisa foi com a juventude no movimento das batalhas, no período noturno, em que arranjos sobre si mesma tensionam subjetividades em uma cidade com hábitos predominantemente agrários, em uma linguagem performática da margem. Também se faz um tensionamento sobre a questão se, ao apagar das luzes de uma cidade, subverte-se uma lógica de apagamentos/aparecimentos, na qual a precariedade das praças públicas fica evidente, denunciando espaços de desassistência social, patrimonial e cultural dos territórios, ao mesmo tempo que a cultura de rua do hip-hop aparece.

Em termos de procedimentos de investigação, a juventude periférica foi considerada parceira metodológica, com inspiração na cartografia dos estudos de Deleuze e Guattari (1995). A análise seguiu a cadência das batalhas de rap, ou seja, foi feita pela linguagem dos próprios raps e das formas das batalhas. Isso implicou considerar as batalhas como os instrumentos de análise das modalidades de subjetivação que se constituem, bem como as experiências de cidade que aparecem. Nesse sentido, a cadência da batalha se torna a política de escrita, é ela que conduz a organização das discussões e formas de reflexão.

Seguindo a submetodologia contracolonial indisciplinada, como proposta por Jota Mombaça (2016), a implicação da cartografia cria capturas acadêmicas ao seguir o movimento das batalhas de rima da juventude pelas praças da cidade. Ao propor um olhar epistemológico bem como uma política de escrita, em que a criatividade surge com propostas de coletividade, como é na poesia das batalhas de rima, a pesquisa, em uma metodologia descontraída, provocadora, contestatória, encontra um modo de viver da juventude periférica que se recusa a não ser aceita e validada, fazendo seus movimentos culturais mesmo nos espaços de desassistência das praças precarizadas. A indisciplina se faz por trazer o ritmo e o conteúdo das batalhas como a ferramenta de escrita e reflexão.

Assim, mudamos nosso trajeto cartográfico, inspiramo-nos em movimentos contracoloniais de ciência e produção de conhecimento, de criação em pesquisa, porque de repente vemos um outro tipo de rua, com uma juventude periférica que nos permite construir um outro tipo de cidade, que se constrói na rabeira, nas frestas do caos urbano. A indisciplina acontece quando a juventude da cidade faz uma ocupação diferente, na luz do luar, junto aos poetas da noite, que marcam sua produção de afetos, mesmo em contextos de precarização e abandono institucional. Ocupam os territórios da cidade e da própria pesquisa.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) relatam que a cartografia propõe uma reversão metodológica do caminho da pesquisa:

Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso, não se abre mão do rigor, mas esse é resignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009, p. 10-11).

Passos e Eirado (2009) propõem a reflexão sobre a cartografia, colocando em questão a ideia da transversalidade, da implicação e de dissolução do ponto de vista do observador ao se referir a um plano de pesquisa com a cartografia como método. As batalhas de rap tornam-se planos de bifurcação: as colocamos em análise para que elas mesmas se tornem nossos analisadores. O rap segue um rigor metodológico, apresenta procedimentos que lhe dão forma, consistência e condições para a produção, seja ela de subjetividades ou de conhecimentos. A análise pelo rap e com ele se faz como nosso ponto de dissolução colonial e possibilidades de escrita contracolonial. São as batalhas que passam a guiar nossos corpos.

O cartógrafo acompanha um processo que, se ele guia, faz tal como o guia de cegos, que não determina para onde o cego vai, mas segue também às cegas, tateante, acompanhando um processo que ele também não conhece de antemão. O cartógrafo não toma o eu como objeto, mas sim os processos de emergência do si como desestabilização dos pontos de vista que colapsam a experiência no (“interior”) eu (Passos & Eirado, 2009, p. 123).

Nessa perspectiva de política de escrita e produção de conhecimento cartográficos e indisciplinados, qualquer experiência pode se tornar performativa e conformar sujeito e mundo, traduzindo “palavras de fuga” (Passos & Eirado, 2009, p. 124). Escrever como palavras de fuga, no campo da ciência, faz-se como movimentos de variação da própria linguagem que dita, regulamenta e ordena, possibilitando romper com modalidades de homogeneização e subalternização. Trata-se de um rigor com as implicações da produção de conhecimento, de considerá-lo situado, sobretudo uma reinvenção dos espaços existenciais e de formas de investigação nas sombras de praças de uma cidade, pela qual se percebe a potência das expressões marginais subalternizadas.

Grosfoguel (2016) pontua que o epistemicídio aparece quando não se considera a condição de possibilidade de corpos que fogem a uma estrutura epistêmica moderno-colonial, desqualificando outros conhecimentos e sabedorias que criticam os projetos imperialistas e colonialistas do mundo. Aplicar uma teoria alegando-a universal para os seres humanos, sem considerar suas realidades sócio-históricas, delata uma tentativa racista de tentar inferiorizar saberes buscando teorias universais do conhecimento. Formas de colonizar os corpos combinam-se com modelos modernos de ciência que desqualificam pensamentos, trazendo modelos generalistas, colonizados desde os campos empíricos, com conceitos que reafirmam modos de viver igualitários.

Sobretudo ao situar o posicionamento da pesquisa, é importante esclarecer que nos interessam mais as articulações nas perspectivas que valorizem novas subjetividades, que não carreguem a colonialidade na produção de conhecimento hegemônico europeu. Reconhece-se, assim, que a linguagem da batalha de rima da juventude denuncia, contesta e valoriza a contracolonialidade em subjetividades que povoam a cidade, traduzindo em uma linguagem de contestação, suas inquietações e expressividades para lidar com os não lugares do território urbano.

Sem farol, a cidade

A letra de “Quadro-Negro”, de Lenine (2002), ao citar o sub-humano no breu, permite-nos contar um pouco sobre a cidade de Dourados: quase fronteira, é caracterizada por sua atividade rural e agrícola intensa, sendo povoada tanto por indígenas quanto por colonizadores do setor agrícola de outros estados do país, em busca de novas terras para plantio e pecuária. Também tem uma atividade urbana mobilizada por empresas, universidades e indústrias (UFGD, FACE & Ciências Econômicas/UFGD, 2018).

A população conta com 243.367 habitantes (IBGE, 2024a). Considerando o recorte de idade de 15 a 29 anos, são 13.419 brancos e 14.174 brancas. Entre os jovens pretos, são 1.953 homens e 5.552 mulheres. Quanto ao número de pardos(as), são 12.424 jovens homens pardos e 11.661 jovens mulheres pardas. Quanto ao número de jovens amarelos, são no total 285 homens e 224 mulheres (IBGE, 2024b). Nesse resultado, são reconhecidos 9.722 jovens indígenas, entre 15 e 29 anos, sendo 4.778 homens e 4.944 mulheres (IBGE, 2024a). Com dados econômicos que indicam um PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* (dados referentes a 2021, segundo o Censo de 2022) de R\$ 55.246,68, a cidade traz uma perspectiva de ser o 25º melhor *ranking* do Estado (IBGE, 2024a). Porém, considerar apenas o PIB de uma cidade, separado de dados sociais, mostra que um indicador econômico pode ser importante para um município, mas não revela o nível de desigualdade social ao qual a cidade está submetida.

A cidade apresenta IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,747 (IBGE, 2024a), considerando a longevidade, educação e renda de sua população. Com densidade demográfica de 59,91 habitantes por quilômetro quadrado, a cidade também conta com um índice de ocupação de 35,05%, referindo-se a empregos no município. Com taxa de rendimento de 86,7% no ensino médio e 87,2% no ensino fundamental, considera-se um bom parâmetro de aproveitamento escolar em perspectivas internacionais, segundo o portal de dados educacionais (QEdu, 2023).

Quanto aos dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), tendo como referência o ano de 2024, Dourados apresentava uma média de 205,25 famílias em situação de pobreza (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, 2024; 2025). O Centro POP, destinado a atendimento para pessoas em situação de rua, contabilizou uma média de 278 atendimentos, com um grande volume para usuários(as) de drogas ilícitas e também de migrantes.

Dourados obteve o índice de 28,4 a cada 100 mil habitantes no que se refere a homicídios, com base no Atlas de Violência (Cerqueira & Bueno, 2024), entretanto, por ser considerada uma cidade de trânsito para a fronteira internacional do tráfico de drogas, é este o elemento que puxa a atenção das autoridades da segurança pública.

Para além desses dados sociodemográficos, a cartografia da cidade, quando as luzes se apagam, permitiu-nos ver quem vive nesta cidade. Os dados sociodemográficos encontraram-se com o território da pesquisa. Território aqui é da ordem do encontro espaço-tempo, espaço-existências. Assim, é tanto lugar de circulação quanto de relação. Os dados, quando nos encontramos com a juventude, levaram-nos para seus territórios, seus espaços e suas relações. Os dados acompanhados pela juventude nos levaram para as praças nas quais ela acontece e se performa. Em uma cidade como esta, a praça torna-se uma possibilidade de encontros, de produção de vida, para além dos equipamentos de educação e trabalho, nos quais as vidas circulam. As praças são condição para ocupar espaços nas ruas. Porém, as praças estão abandonadas há muito tempo, e atendem apenas uma parcela reduzida da população. No total de 23 praças, somente uma está em bom estado, ao passo que as outras estão, atualmente, em estado extremamente precário ou regular, a citar limpeza, segurança, acessibilidade, banheiros minimamente adequados e iluminação. Sobretudo a região sudoeste da cidade, com programas de habitação governamentais, na qual há vários bairros com programas governamentais de habitação, é a região com menor investimento e maior necessidade de políticas públicas da educação, saúde, assistência social, mobilidade urbana e segurança pública. Evidencia-se um jogo em que o Estado seleciona qual região merece investimento para sair da vulnerabilidade, determinando também quem pode ter mais acesso a políticas públicas e de que modo. Araujo (2019) expõe que:

O espaço público é constituído pela co-presença de indivíduos, para isto deve haver uma infraestrutura mínima para que as interações sejam realizadas, levando em consideração a qualidade ambiental, ou que possibilitem a melhor forma de relação social urbana, uma vez que sem a presença de pessoas, o espaço público é dominado pelo privado (Araujo, 2019, p. 102).

Dessa forma, a apropriação dos espaços públicos por certos grupos sociais fica comprometida, quando não são considerados exatamente para uso público dessa população, modificando o exercício da cidadania e a relação dos espaços urbanos com os indivíduos. É nessa relação, com o uso dos espaços urbanos como produção de afetos e de política, que o movimento das batalhas de rima do rap trouxe uma ocupação com contestação, disputando o espaço em cena com a desassistência. Trata-se de batalhas entre o hip-hop e a desassistência nas formas de usos de espaços da cidade, produzindo outras modalidades de subjetividade.

O hip-hop tem no rap uma vertente bastante expressiva e conta sobre contestação da realidade. Souza (2011) expõe que:

São muito recorrentes, nas letras de rap e nos discursos do movimento, temas que aparecem encapsulados na fórmula ‘periferia’: pobreza, racismo, discriminação, relações familiares, importância do movimento hip-hop. Ser de periferia significa encarar discriminação social e racial, não ter acesso a bens públicos de qualidade, ver os ‘irmão’ morrendo ou sendo presos, viver a realidade do desemprego, das drogas e da violência [...] Participar de um movimento como o hip-hop, que tem como cerne a questão da resistência e da transformação, é fundamental para se possam escrever novas histórias (Souza, 2011, p. 16).

O rap possibilita uma outra relação com os dados, tornando os espaços da cidade ocupados por outras formas de subjetividade. Seguindo com as batalhas, conseguimos seguir na cidade. As batalhas nos levam para as praças e é nelas, durante a noite, que os dados se transformam. Os raps cantam pobreza, periferia, violência, porém é pela própria música e pelo movimento que ela produz no corpo para acontecer em uma batalha que outras possibilidades de relação com esses determinantes sociais acontecem. As músicas e suas batalhas, ao mesmo tempo que também se tornam “atlas das violências”, ocupam a cidade e forjam espaços, modificam a relação com os dados, tornam-se formas de retomadas de territórios, fazem as praças serem coletivas. E chamando nossos gladiadores do rap da cidade, Menor DDs e Degê nos contam:

E eu vou cantar superação / Pros menor que vêm da onde eu vim, dá um breque que o crime é ilusão / Você é maloqueiro e cê sabe onde é o fim... / Tô de peão pelo Cachu¹, vou ligar pro Degê... / Não acredito em jura, eu já recusei o fura, minha voz que é meu canhão, tipo água no deserto / Eu vou fazer chover pra molecadinha daqui poder se inspirar... / E é difícil se ver / mas eu fiz acontecer / E se tu vem de onde eu vim, talvez vai me entender / Tudo pra te abalar, nada pra te proteger / E se tudo der errado, a quem vai recorrer? (Menor DDs [part. Degê MC]², 2024).

Admitir que se pode produzir novos conhecimentos pela prática que modifica a teoria significa assumir que os corpos que produzem as pesquisas fogem da lógica colonialista da aquisição do conhecimento e que assim também provocam efeitos políticos. Reconhece-se que novas relações podem aparecer a partir do universo dinâmico que a pesquisa articulada entre teoria e experiência considera; que tanto a experiência pode ser modificada como a própria teoria (Bernardes, Guareschi, & Galeano, 2021). O rap não apresenta apenas um conteúdo, mas um movimento para percorrer a cidade. Nas batalhas de rap, o que está em jogo é uma vida, não uma política de morte. Os dados sociodemográficos nos permitem acompanhar políticas de morte, naquilo que elas inclusive tornam invisível, que fazem desaparecer. As batalhas trazem os dados para o campo do vivido, da vida, das relações e das potências. Nas batalhas, não há vencedores e perdedores, há outras formas de experimentar a cidade, formas de pertencimento. Ali todos são gladiadores, ali há, na crueza das violências, encontros alegres que fazem as praças acontecerem de outros modos.

Sob o farol, as alianças na cidade

“É a penúria que se pronuncia”, citando a letra da música de Lenine. Ao se embriagar das rimas, as críticas do rap das batalhas no período noturno da cidade fazem-se armas para denunciar suas lutas no submundo de desigualdades sociais.

Atualmente, as batalhas são feitas somente em algumas praças da cidade, a citar a Praça do Parque dos Ipês, a Praça do Parque do Lago e a Praça do Centro. Todas elas em estado precarizado, com exceção da Praça do Parque dos Ipês, que fica em uma área de população de renda média a alta. Entretanto, ao considerar o local da moradia dos MCs³, todos chegam a percorrer quilômetros para participar do movimento, visto que, nos bairros mais periféricos, quase não há praças, ou, quando possuem praças, estas apresentam quase nenhuma condição de convivência. Nos bairros mais periféricos, a mobilidade urbana no período noturno é também precária. Os bairros mais afastados contam com menor fluxo de transporte público para locomoção.

Há ainda na cidade a Praça da Juventude, que, fechando às 17 horas, restringe totalmente as pessoas de realizar grupos variados, usar a pista de skate ou o parquinho infantil após esse horário. A praça foi proposta pela prefeitura e pelo Conselho Municipal da Juventude ao Ministério do Esporte, em 2010, com uma portaria interministerial, que contava com um espaço institucional de várias áreas. Tinha um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) na época, visto que se encontra em um território com alta incidência de vulnerabilidades sociais. Entretanto, devido ao planejamento da prefeitura, foi desativado por contenção de gastos, acolheu núcleos municipais da saúde e da guarda municipal, que só abre o espaço se houver ocorrência policial. Em 2024, acolhia atividades da Fundação de Esporte e algumas atividades de alongamento, caminhada da secretaria municipal de saúde, além da utilização do espaço, uma vez por semana, pela equipe multifuncional de saúde. A secretaria municipal de cultura somente aparecia em eventos pontuais.

Seguindo esses corpos, em suas afirmações de vida, foi surpreendente perceber que o movimento da juventude nas batalhas de rap acabou nos fazendo circular por esses espaços, em uma cidade urbanizada, sim, porém também com grande prevalência de plantação de soja e criação de gado em seu entorno. Descobrimos que, seguindo a juventude nas batalhas de rima, na cultura hip-hop, foi possível ver outros espaços da cidade que não se conseguia ver (ou não se queria enxergar?). Colocou-se em questionamento se as pessoas também estão vendo, durante o dia, que as praças estão no breu do abandono total, com banheiros precários, parquinhos de diversão e áreas de lazer sucateadas, etc. Seria melhor nem acender a luz, continuar na cegueira e fingir que não vemos o caos dos espaços urbanos como experiências de compartilhamentos?

Percebeu-se que a ocupação dos espaços, pela movimentação das batalhas de rima da juventude, traduziu novas formas de subjetivação dos não lugares para a população exercer seus direitos à cidadania com relação ao bem-viver. Circuitos de afetos e laços de coletividade nas rabeiras, que gritam, expõem, reivindicam com suas letras de contestação a indignação social, em denúncia do racismo estrutural. Se a cidade não se pronuncia, a batalha responde!!! E, mesmo na precariedade das praças, no submundo noturno, povoando a cidade pelas frestas, a juventude periférica também povoa a cidade. E as batalhas acolhem o vendedor ambulante que passa, o morador de rua que quer rimar, as pesquisadoras que querem participar. Taborda (2017) explicita sobre espaços de afeto e de contestação, em que:

Práticas marginais como o rap, o pixo e a pichação podem ser pensadas igualmente como modos de fazer ver os arranjos da cidade e fazer falar os fascismos latentes... Se a cidade é efeito de seus usos, os processos de marcação estarão sempre em negociação. A superfície dessa negociação são os corpos em circulação (Taborda, 2017, p. 206).

E, no breu, a juventude das batalhas circula nas praças, desenvolve suas alianças e reinventa seu cotidiano, tendo o jogo da rima como ato político de reivindicar o acesso à cidade. Mas, ao mesmo tempo, as praças trazem uma condição “apagada” de cidadania. Simas (2022), ao refletir sobre o corpo encantado das ruas e suas manifestações variadas do cotidiano do Brasil, a considerar seu passado colonizado, também expõe que:

Do embate entre a tensão criadora e as intenções castradoras, a cidade é um terreiro em disputa que pulsa na flagrante oposição entre um conceito civilizatório elaborado exclusivamente a partir do cânone ocidental, temperado hoje pela lógica empresarial e evangelizadora, e um caldo vigoroso de cultura das ruas forjado na experiência inventiva de superação da escassez e do desencanto (Simas, 2022, p. 122).

Seguindo os rastros das batalhas, entendemos que a rua é, ao mesmo tempo, hostil e conhecida, pública e privada, nossa e dos outros, na linguagem dos *rappers*, que se apropriam de seus elementos e transitam nesses entrelugares, ao falar da contestação, da fome, da alegria e da juventude, farejando sons, visões e discursos, devorando signos e vidas para produzir rimas, também podendo criticar suas realidades, utilizando modalidades expressivas para lidar consigo e com o mundo (Pitta, 2019). Ou simplesmente experienciar o bem viver na rua ou utilizando “os espaços de invenção da vida no precário e viração da morte em alegria e arte” (Simas, 2022, p. 122). Escrever com as batalhas e caminhar com elas nos coloca diante dessa dimensão controversa do precário e da alegria. A pesquisa, desse modo, defronta-se com suas próprias ontologias, de modo a ter que deslocá-las, pois, ao denunciarem o precário dos espaços e das condições para o viver, os *rappers* trazem alegria e arte. Uma possibilidade de alegria e arte que acontece na penumbra da noite, na ocupação de espaços que um dia foram pensados para pessoas os habitarem. Os *rappers* e suas batalhas pisam no chão da praça e delas começam a cantar — uma juventude que se performa. Performam-se subjetividades que se constituem pela relação entre letra, cadência, corpo, praça, cidade. Corpos que vão se encantando na cidade e territorializando-a.

Acompanhando as batalhas de rima da cidade no período noturno, vimos o que Gonçalves (2015) pontua sobre tensionamento do lugar de fala, de cultura e de apropriação de território da linguagem urbana, ao situarmos sobre uma forma literalizada de expressividade. Feitas geralmente por jovens em espaços públicos, todas parecem falar do mesmo lugar da invisibilidade, marginalização. A autora ainda fala que a produção da literatura de rua das batalhas de rima retira autores canônicos da esfera da periferia, na qual as vozes da juventude passam a ser acolhidas; parecem ter falas validadas, nem sempre institucionalmente reconhecidas.

São formas de singularização, mas, ao mesmo tempo, de aliança: as singularidades se aproximam de um cruzo que quer povoar a cidade toda. Butler (2019) relata que a reivindicação corporificada, exercitando sua performance em alianças, traz a potência para continuarmos vivos, reconhecendo que somos vulneráveis, dependentes, passionais e precários. Como forma de se opor à precariedade de nossa existência, pode-se realizar uma performance em silêncio, resistindo por uma reivindicação ou em uma assembleia pública de grupos na rua lutando por vários motivos.

As batalhas tornam-se formas de aliança, é a juventude povoando as ruas, colocando-nos em contato com outras formas de viver. Há corpos, ali, nas praças à noite; há também um movimento, um “pé-vermelho”, já que esse termo se usa para falar do morador da cidade, associando à pigmentação da terra vermelha. Ao mesmo tempo, denuncia espaços desassistidos.

Também é importante destacar que o movimento do hip-hop não é só um movimento de gente jovem. Sobretudo, tem-se no hip-hop um movimento de subversão que fala criticamente sobre o ordenamento do mundo contemporâneo, que é organizado verticalmente no corpo social, situando o hip-hop em seu campo político (Moassab, 2011). Ao articular as batalhas com os espaços da cidade, por meio da ocupação das praças, as batalhas criam seu campo político, são elas mesmas jogos políticos, tornando-se insurgências que fazem do local territórios de produção de outras modalidades de viver.

A controvérsia do hip-hop surgiu na marra na cidade, com fita cassete demo, sem internet, mostrando o rap da contestação em uma cidade produtora de *commodities*⁴, já que se insere em uma região que é grande produtora, além de ser rota do tráfico de drogas para outras regiões do país, pela proximidade das fronteiras com Paraguai e Bolívia. *Commodities* e tráfico são composições da juventude da cidade. Uma juventude feita pelo sertanejo e a soja/gado, uma juventude feita pelo tráfico. O campo da política do rap traz, então, a tensão e a contestação: uma juventude que se faz pelas batalhas. MC Superchock⁵ nos traz sua rima improvisada na batalha:

Cê sabe, né, meu mano, que nós é de quebrada / Se nós anda nas viela, muito mal flagrada, é difícil andar sozinho / O crime te espera na esquina bem do lado, e é bem difícil você entrar e é difícil você sair, você quer um revólver ou um quadrado?

Da cidade como terreiro em disputa, como escreve Simas (2022), a “sacudida” das batalhas contraria toda forma de negação de um ser capaz de se transformar, conduzido por seu modo de se constituir. O movimento do jovem geralmente é de agitação, expansão, converseiro; tem música alta querendo preencher tudo, até o seu tímpano. Estranho seria um grupo de jovens sem som, burburinho, paquera, tererê, gritaria e risadas; algum espaço que ele não preencha, lugares que ele não tome conta. As batalhas preenchem e ocupam espaços, criam territórios para o viver e o pertencer.

Em aproximação com as filosofias africanas, Simas e Rufino (2018) nos trazem a potência de uma encruzilhada, como uma sacudida, um giro que desestabiliza, que desconforta. Simas (2022) acrescenta:

Reencantar a cidade, subverter o território em terreiro, entender a cidade como lugar de encontro, comer pelas beiradas driblando os perrengues, malandreado entre o horror e o gozo, é seguir vivendo e sobrevivendo para fazer o gol na partida que não termina: num lance rápido e certo do contra-ataque que nos resta para salvar a rua (Simas, 2022, p. 75).

Nas pistas trazidas pelas batalhas de rima por onde caminhamos, Djamila Ribeiro (2017) traz uma reflexão sobre “ocupar um lugar social que saia da matriz de dominação” (Ribeiro, 2017, p. 39), dizendo também que as experiências individuais não podem ser deslocadas do contexto social em que o indivíduo esteja, referindo-se a grupos historicamente invisibilizados e que têm características próprias.

E nas praças como lugar de encontros, de movimentos dinâmicos da juventude, os gladiadores se cruzaram. E se trombaram. E cantaram. Na composição da cidade, na cantada da juventude, no vespeiro de suas andanças, surgiu o encanto com a criatividade deles ao produzir arte na escapada, no caos e no breu.

As batalhas de rima já existiram na praça do Parque Rego D’água, no bairro Cachoeirinha; porém, a situação precarizada do local influenciou a desativação do movimento. Na região sudoeste da cidade (bairros Deoclécio Artuzzi, Jardim Harrison de Figueiredo, Jardim Guaicurus e Esplanada), onde há a predominância de projetos de casas populares, não há praças. Além disso, o menor acesso a transporte público após às 19h30min dificulta a mobilidade urbana para os moradores dessa região. Na praça do Cinquentenário, também já existiu o movimento das batalhas; porém, a falta de manutenção do espaço fez o grupo se dissipar. O espaço da praça do Cinquentenário, que conta com uma Concha Acústica feita na década de 90, não possui condições de acolher apresentações culturais, sobretudo ao considerar banheiros impróprios para o uso. O espaço acolhe uma feira do produtor, semanalmente, no período noturno; entretanto, somente do lado de fora, na calçada. Seu espaço interno apresenta alguma grade aparente, sinalizando uma época em que foi fechada. As batalhas circulam, assim, de uma praça a outra, vão criando os territórios delas mesmas. As batalhas também fazem existir espaços, elas tornam os espaços visíveis. Para possibilitar o movimento das batalhas, o coletivo se uniu para criar o jogo nos espaços menos degradados. Em uma outra praça, a do Canaã III, também havia o movimento à noite; entretanto, foi desativado devido ao fato de a organizadora, a MC Tsunade, residir a quase 5 quilômetros da praça, em um bairro que não existe praça, o Deoclécio Artuzzi, cuja mobilidade urbana é diminuída à noite. Há um investimento permanente na morte, mas há também, pela invenção de novas batalhas nas praças, uma política de insistência da vida. As batalhas tornam as praças itinerantes, moventes.

Simas (2022) pontua a importância das miudezas que velam e desvelam a aldeia, as revelações das ruas e das nossas gentes na linguagem comum. Das “pedrinhas miudinhas” o autor, assim como as itinerâncias das batalhas, nos ensina que é na leitura encantada sobre o chão que vibra da terra que os saberes do campo sensível da vida aparecem, como uma política miudinha riscada nas travessias que nos ensinam a pensar no Brasil, em sua potência cruzada, em uma sociedade que se diz democraticamente racial, mas que podemos seguir perseguindo as miudinhas que nos alumiam, nas histórias e saberes dessas batalhas de rua, de praças:

(...) tem-se questionado se os praticantes das margens podem falar. Nos deslocando para sentir outras enunciações, percebe-se que, mais que falar, esses fazem da linguagem enigma e poesia, alargando as frentes de luta contra as investidas de um sistema obcecado por um modo único de ser (Rufino, 2019, p. 138).

Um outro tipo de rua parece surgir na pesquisa, construindo um outro espaço, uma outra cidade enfeitada, como na gramática dos sobreviventes pela articulação com as batalhas que performam juventudes. Simas e Rufino (2020) pontuam o encantamento como ato de desobediência, que dribla e enfeitiça a lógica produtivista, utilitária das ciências. As batalhas são encantadas. Encantam um tipo de rua que também mobiliza uma reflexão sobre o que o movimento delas mobiliza nas nossas ciências recheadas de inteligibilidades. Pela batalha, o movimento de ocupação dos espaços conta sobre nós, corpos que querem trazer respostas sobre a juventude, sobre o que devem fazer, onde devem povoar, circular (ou não circular), definindo sobre onde podem procurar empregos ou estudar, por exemplo, de um universo que não pode parar para cantar e celebrar.

Saravá para o povo que inventou a cidade — e a cidadania — que lhe foi covardemente negada e criou esse modo de ser que atropela convenções, confunde, seduz, agride e comove... Nós somos herdeiros dos homens que bateram tambor e criaram a subversão pela festa (Simas, 2019, p. 37).

Machado (2014), ao nos situar sobre a filosofia africana contemporânea, acrescenta que há uma matriz epistêmica preocupada com o indivíduo, a natureza e a comunidade, um não existindo sem o outro, numa relação de coparticipação em que um pensamento/decisão traz princípios de ética, coletividade, ancestralidade, diversidade e reconhecimento. Sobretudo, propõe pensar não sobre um lugar, mas desde um lugar, em uma proposta de mudança por uma ética de inclusão. “É corpo inteiro e não apenas razão”, trabalhando como uma ciência da sensibilidade (Machado, 2014, p. 16).

Pelas batalhas, acompanhamos uma reivindicação do direito de povoar a cidade, mesmo com seu produto de desigualdades sociais. Uma mobilidade urbana em práticas de vida nas batalhas que, ao mesmo tempo, provocam solidariedade, resistência e denúncia, constituem uma juventude e uma cidade por alianças. É a prática da rima no rap que constrói a teoria repleta de inteligibilidade, que desloca a hegemonia da ciência, como ferramenta metodológica de procedimento contracolônial de produção de conhecimento e de mundos.

Com o farol ligado na linguagem do hip-hop de consciência, as alianças surgem, como descreve Judith Butler (2019) ao se referir a uma rede de corpos que busca minimizar a impossibilidade de viver uma vida vivível, contrária a uma guerra de exigências do neoliberalismo que normaliza a precariedade. Em uma política de alianças “na penúria que se pronuncia” (Lenine, 2002), Lenine parece se aliar com a composição de GREG, autor da batalha da cidade, em uma manifestação de saberes ocultos da cultura urbana:

É a cultura de rua, é a assinatura no muro, é sobre o brilho da lua que domina a cidade, na minha até a sua, é a luz do escuro, e só continua por ser totalmente verdade. De quinta no terminal, roda de rima reunida como no quintal, e mãos pra cima, barulho em palma da mão, alma na mão, nunca foi em vão. Calma, Netão, tem coisa pra acontecer (GREG⁶, 2018).

Considerações Finais

Cartografar a cidade faz com que a juventude das batalhas seja exceção e alianças, ao mesmo tempo que é por elas que experimentamos a própria cidade como um território de lutas. Pensamos no jogo que surge entre a poesia que produz cultura e música nas batalhas de rap, no período noturno, em um município que precariza seus espaços públicos. É à noite que uma juventude aparece, bem como parte da própria cidade. As batalhas são ações de uma juventude que quer ser reconhecida na linguagem poética, em uma política de bem-viver nas alianças, que produz resistência ao povoar espaços mesmo precarizados como os das praças. O embate político surgido por uma reinvenção do caos através das rimas cantadas pelo rap na cidade do sertanejo torna-se uma multiplicação da linguagem da resistência. São minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial. As batalhas como pedrinhas miudinhas, como devir potencial de desviar de um modelo único de produzir subjetividades

aproximam, com uma linguagem contracolonial, as potências e cadências das batalhas no rap com a precariedade da cidade, criando novos modos de habitá-la. As batalhas criam, assim, outras cidades e juventudes.

Ao considerar uma política contracolonial, as batalhas traduzem novas formas de existir e ocupar territórios. Para acompanhá-las como movimentos epistemológicos e não apenas ontológicos, são necessárias outras práticas de investigação que abram espaço para o imponderável, para o imprevisível. Práticas para movimentar a pesquisa no território que incluam não o pesquisar sobre a juventude, mas com a juventude da batalha, no fervor do ritmo de rap nas batalhas de rima. As batalhas colocam a pesquisa para movimentar-se, e não representar.

Se é pra quebrar no meio, agora cê arreda / só num te quebro fácil porque vaso ruim num quebra! / Eu mostro agora mano, que cê vai interpretar, mas igual você, cê sabe, eu sou vaso ruim de quebrar / Mas eu sou de quebrada, por isso entenda, camarada, eu vou fazendo rima, eu vou fazendo estrada (MC Cebola⁷, 30/07/2024).

Referências

- Araujo, L. G. N. M. de. (2019). *A distribuição espaço-temporal e avaliação qualitativa das praças e parques urbanos de Dourados-MS* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- Bernardes, A. G., Guareschi, N. M. de F., & Galeano, G. B. (2021). Reflexões ético-políticas de questões metodológicas de pesquisa em psicologia: problema e objetivos. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(2), 83–96. DOI: <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1263>
- Butler, J. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2024). *Atlas da violência 2024: Retrato dos municípios brasileiros*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) & Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/286/atlas-2024-municipios>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1* (A. G. Neto & C. L. Costa, Trans.). Rio de Janeiro, Brasil: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980).
- Gonçalves, R. A. (2015). Rima e a estética da resistência. *Matraga*, 22(37), 118–132. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19934>
- GREG. (2018). *Hip Hop* [Música]. In *Ahgreg* (faixa 2). Elefante Records.
- Gros, F. (2018). *Desobedecer* (C. Euvaldo, Trad.). São Paulo, Brasil: Ubu Editora.
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Dossiê Decolonialidade e Perspectiva Negra. *Revista Sociedade e Estado*, volume 31, número 1, jan-abr 2016.

i Apelido para se referir ao bairro da Cachoeirinha.

ii Menor DDs e Degê são rappers na cidade e fizeram vários singles de músicas de contestação social, juntos ou separados.

iii MC se refere ao cantor ou “Mestre de Cerimônias”, expressão popularizada pelo hip-hop.

iv Refere-se à produção de matéria-prima agropecuária do território.

v Rima feita na Batalha dos Ipês em 14/07/2024. O Superchock foi criado no bairro Canaã I e se mudou com a família há alguns anos – através do programa Minha Casa, Minha Vida – para o bairro Roma II, do outro lado extremo da cidade. Também é participante do Centro de Integração do Adolescente (CEIA) “Dom Alberto”, no Cachoeirinha, organização da sociedade civil que desenvolve oficinas para crianças e adolescentes em situação de pobreza ou vulnerabilidade. Fica doído por uma lata de tinta na mão e tem feito ensaios de grafite na cidade (alguns não autorizados).

vi GREG com frequência participa como jurado nos campeonatos de batalhas da cidade. É compositor e cantor em trabalhos de sua autoria. Já foi organizador de batalha de rima na cidade.

vii Rima feita na Batalha do Centrão. MC Cebola é organizador da Batalha dos Ipês e participante das batalhas da cidade.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024a). *Brasil. Mato Grosso do Sul. Dourados*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024b). *Censo Demográfico. Tabela 9606 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a idade*. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9606/#resultado>
- Lenine. (2002). *Quadro-Negro* [Música]. In *Falange Canibal* (faixa 8). BMG.
- Machado, A. F. (2014). Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. *#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 3(1). DOI: <https://doi.org/10.35819/tear.v3.n1.a1854>
- Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. (2024). *CECAD 2.0: Cadastro Único – famílias cadastradas por divisão territorial*. <https://cecad.cidadania.gov.br/painel03.php>
- Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único. (2025). *Vis DATA 3 beta: Data explorer – Quantidade de pessoas em situação de pobreza inscritas no Cadastro Único segundo faixa do Programa Bolsa Família (Dourados/MS, 2024)*. <https://aplicacoes.cidadania.gov.br/vis/data3/data-explorer.php>
- Menor DDs & Degê MC. (2024). *Superação* [Música]. Gui\$fe/Lp067.
- Moassab, A. (2011). *Brasil Periferia(s): A comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo, Brasil: Educ/FAPESP.
- Mombaça, J. (2016). Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Revista Concinnitas*, 1(28), 334–354. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>
- Passos, E., & Eirado, A. (2009). Pista 6: Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- Pitta, A. C. (2019). *O rap do fim do mundo: modernidade tardia brasileira e insurgência nas canções de Criolo e Emicida* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- QEdu. (2023). *Brasil. Mato Grosso do Sul. Dourados. Taxas de rendimento*. <https://qedu.org.br/municipio/5003702-dourados/taxas-rendimento>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, Brasil: Letramento.
- Rufino, L. (2019). Posfácio. Lajeiro tão grande. In L. A. Simas (Org.). *Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro, Brasil: Mórula.
- Simas, L. A. (2019). *Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro, Brasil: Mórula.
- Simas, L. A. (2022). *O corpo encantado das ruas* (10ª ed.). Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no Mato: A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, Brasil: Mórula.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro, Brasil: Mórula.
- Souza, A. L. S. (2011). *Letramentos de reexistência: Poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo, Brasil: Parábola Editorial.
- Taborda, J. C. (2017). *Uso dos espaços e uso dos afetos: cartografias da prática da pichação para pensar as relações entre a cidade e a governamentalidade* (Tese de Doutorado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.
- Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia & Ciências Econômicas UFGD. (2018). *Perfil Socioeconômico de Dourados*. <https://www.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Perfil-Socioecon%C3%B4mico-de-Dourados-1.pdf>
- Vergès, F. (2021). *Uma teoria feminista da violência: Por uma política antirracista da proteção* (R. Camargo, Trad.). São Paulo, Brasil: Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 2020).

Contribuição dos Autores

Conceitualização: A. G. D.; A. G. B.

Redação do manuscrito: A. G. D.; A. G. B.

Análise dos dados: A. G. D.; A. G. B.

Revisão e edição: A. G. D.; A. G. B.

Submetido em: 22/11/2025

Aceito em: 22/03/2026

Como citar:

Dourado, A. G. & Bernardes, A. G. O último a sair do breu, acende a luz. Subjetividades das batalhas do rap. *Rev Polis e Psique*. 2026, 16: e026022.

Financiamento:

Não houve financiamento.